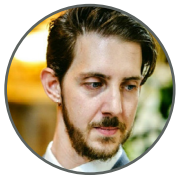
PANEX-Youth: resiliência e desafios na alimentação, educação e lazer de jovens nas periferias urbanas

Yorman Paredes-Marquez*

Luciana Bizzotto*



Leonardo Rafael Musumeci*

Ingrid Batista Vieira*

Leandro Luiz Giatti*

* Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP);

DOI: https://doi.org/10.36942/dialogossocioambientais.v8i24.1470

Palavras-chave: Periferias urbanas; COVID-19; insegurança alimentar; educação; lazer.

Resumo: O projeto PANEX-Youth investigou como jovens de comunidades periféricas urbanas de São Paulo, especialmente Heliópolis e Paraisópolis, se adaptaram aos desafios impostos pela pandemia de COVID-19. Utilizando metodologias participativas, a pesquisa revelou estratégias de resiliência diante do aprofundamento das desigualdades sociais, insegurança alimentar, dificuldades educacionais, restrições ao lazer e impactos na saúde mental. A atuação comunitária e o protagonismo juvenil destacaram-se como fundamentais para enfrentar a crise, apontando caminhos para políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis.

Introdução

A pandemia de COVID-19 aprofundou desigualdades sociais e econômicas já presentes, especialmente nas periferias urbanas do Brasil. Esse cenário foi agravado pela postura negacionista do governo federal, que desacreditou a ciência, desestimulou medidas de proteção, campanhas de vacinação e desestruturou sistemas públicos de resposta à crise. Apesar do risco epidemiológico direto ser menor para os jovens, eles foram profundamente impactados pelas consequências sociais, econômicas e psicológicas: escolas fechadas por longos períodos, aumento do desemprego, insegurança alimentar e restrição ao acesso a espaços públicos. Além disso, os jovens enfrentaram superexposição a incertezas, ruptura de laços sociais e adultização, resultando em aumento excessivo de responsabilidades.

O projeto PANEX-Youth, fruto de colaboração entre universidades do Brasil, Reino Unido e África do Sul, buscou compreender como jovens de 10 a 24 anos se adaptaram aos impactos da pandemia, com foco no nexo entre alimentação, educação e lazer. Por meio de metodologias participativas, como cursos de extensão universitária e oficinas em Heliópolis e Paraisópolis, a pesquisa deu voz a uma população frequentemente invisibilizada nas políticas públicas (Bizzoto et al., 2023).

Este artigo analisa as experiências desses jovens durante a pandemia,

destacando estratégias de adaptação e organização comunitária emergidas nos territórios. Serão discutidos os efeitos das políticas governamentais sobre essas populações e as lições aprendidas para fortalecer a resiliência diante de futuras crises.

Desenvolvimento

O contexto de negação e aprofundamento da desproteção social no Brasil, especialmente entre 2019 e 2022, foi marcado por um governo de extrema direita. A postura negacionista e o descrédito à ciência dificultaram respostas coordenadas e deixaram a população - sobretudo as comunidades periféricas, mais dependentes de políticas públicas - sem apoio estatal (Bizzoto et al., 2025). A esse cenário se soma a um aprofundamento da polarização política, que gerou aderência popular a tais medidas e discursos. A soma destes fatores resultou em milhares de mortes evitáveis (Giatti et al., 2021).

Para os jovens, esta crise trouxe diversos desafios sociais, econômicos, educacionais e mentais. Seus direitos foram negados pelo fechamento prolongado das escolas, aumento do desemprego, queda da renda familiar e alta dos preços dos alimentos, resultando em fome e insegurança alimentar (Giatti et al., 2021).

A pandemia recolocou o Brasil no mapa da fome da Organização das Nações Unidas (ONU). Em 2022, mais de 33 milhões de brasileiros viviam em situação de fome. Famílias de baixa renda, mulheres e população negra, historicamente marginalizadas e que configuram a maior parte da população que vive em favelas e comunidades urbanas, foram as mais afetadas. O fechamento das escolas agravou o problema, pois a merenda escolar era, para muitos, a principal refeição do dia.

A crise também expôs falhas estruturais do sistema alimentar brasileiro e o impacto do agronegócio. Embora o Brasil seja grande exportador de alimentos, o foco nas exportações fez com que, internamente, os preços dos alimentos básicos aumentassem, prejudicando ainda mais o poder de compra da população de baixa renda (Scheider et al., 2020). Jovens participantes do PANEX-Youth relataram perceber um caráter proposital do governo federal no crescimento dessa insegurança alimentar, como forma de dizimação da população mais pobre.

Além disso, o modelo industrial de produção de proteína animal revelou condições precárias em frigoríficos, que se tornaram focos de contaminação por COVID-19. Agricultores familiares, dependentes de cadeias curtas e mercados locais, sofreram com restrições comerciais e ausência de apoio governamental (Schneider et al., 2020). O aumento do consumo de ultraprocessados em detrimento de alimentos frescos, impulsionado pela queda de renda e facilidade de acesso, também agravou problemas de saúde (Giatti et al., 2021).

O auxílio emergencial do governo, embora tenha beneficiado milhões, foi insuficiente diante da escalada dos preços. Enquanto isso, o agronegócio, focado na exportação, viu sua demanda internacional crescer, sem que isso se traduzisse em melhoria da segurança alimentar interna (Schneider et al., 2020) .

Para jovens e suas famílias em favelas, produtos básicos ficaram mais caros e menos acessíveis, aprofundando a insegurança alimentar já acentuada pela perda de renda e pela ineficácia das políticas públicas. Com isso, pode-se dizer que as decisões políticas e comerciais em escala global tiveram impacto direto na mesa destas famílias em São Paulo, evidenciando a interconexão sistêmica das crises.

Outro eixo de forte impacto na vida dos jovens foi a educação. As escolas permaneceram

fechadas por mais de 40 semanas, comprometendo o acesso à educação e alimentação escolar. A implementação do ensino remoto enfrentou múltiplas barreiras (três quartos dos usuários de classe baixa acessavam a internet exclusivamente pelo celular e apenas 12% possuíam computadores) (Giatti et al., 2021).

Pressões adicionais relacionadas à necessidade de trabalhar e cuidar da família comprometeram o acesso à educação de muitos jovens. A fragilidade dos vínculos aluno-professor agravou-se no contexto do isolamento social. Para muitos, a escola representava não só aprendizado formal, mas socialização, segurança alimentar e proteção contra violência doméstica.

O acesso a espaços de lazer, já escasso em bairros periféricos, foi ainda mais comprometido com o fechamento de parques e praças durante a pandemia. Crianças e jovens, ao buscar alternativas, se voltaram para o uso intensivo de dispositivos digitais, redes sociais e jogos eletrônicos como formas de socialização e entretenimento.

Emergiram também estratégias de resistência, como manutenção de encontros em espaços não autorizados, continuidade de atividades culturais como o funk e ocupação de lajes e ruas para brincadeiras. Essas práticas, embora arriscadas no contexto de emergência sanitária, revelaram a necessidade fundamental dos jovens por socialização e movimento, especialmente em moradias superlotadas e recursos limitados.

Adaptações juvenis e resposta comunitária

Diante da omissão estatal, periferias urbanas se mobilizaram com notável capacidade de adaptação, formando amplas redes de solidariedade, cuidado e proteção (Circuito Urbano, 2023). Os jovens tiveram papel importante nessas iniciativas, muitas vezes assumindo liderança na distribuição de alimentos e máscaras protetoras e na disseminação de informações de saúde. Jovens também relataram combate à desinformação nas redes sociais, atuando em grupos de aplicativos com familiares e divulgando pesquisas sobre a realidade da pandemia em suas comunidades.

Destacam-se exemplos como a organização dos "presidentes de rua" em Paraisópolis, responsáveis pelo monitoramento da saúde e distribuição de recursos em grupos de 50 casas, além do Pavilhão G10 Favelas, que se transformou em centro logístico para distribuição de refeições e itens de higiene. A telemedicina foi uma solução inovadora adotada em alguns territórios. As mulheres demonstraram liderança fundamental na linha de frente dessas ações, na produção de marmitas e confecção de máscaras.

Essas redes de apoio não só ofereceram assistência material, mas também promoveram processos de aprendizagem, fortaleceram o capital social e cultivaram empatia e solidariedade, gerando entre os jovens sentimento de pertencimento e propósito em tempos de obscurantismo.

Desafios e recomendações para o futuro

Apesar do sucesso, as iniciativas comunitárias enfrentam desafios de sustentabilidade. A redução das doações após o primeiro ano de pandemia e a sobrecarga do trabalho voluntário, especialmente para as mulheres, levaram ao enfraquecimento ou encerramento de muitos projetos.

A saúde mental, especialmente entre crianças e adolescentes, ganhou destaque durante a pandemia, trazendo desafios significativos para as comunidades periféricas. Fatores como

interrupção das atividades escolares, falta de espaços de lazer e conflitos familiares contribuíram para o sofrimento psíquico dos jovens. Muitos enfrentaram desestímulo, perda de habilidades de socialização e medo de interagir após o retorno às atividades presenciais. Nesse contexto, é fundamental fortalecer o apoio institucional na promoção da saúde mental, por meio de práticas coletivas, suporte psicológico nas escolas e acesso a tratamentos especializados. O engajamento da rede comunitária e parcerias locais também se mostram essenciais para ampliar o acolhimento e a proteção socioemocional dos jovens em situação de vulnerabilidade.

É fundamental que governos aprendam com essas experiências. Políticas públicas sustentáveis e inclusivas devem reconhecer, valorizar e integrar o conhecimento local e o protagonismo juvenil. Um enfoque "nexo", que conecte alimentação, educação e lazer, desponta como caminho promissor para enfrentar de forma integral os desafios das comunidades. Para isso, são necessários mecanismos permanentes de financiamento e apoio institucional, que permitam a profissionalização do trabalho comunitário e a continuidade dessas ações essenciais.

Nesse sentido, as recomendações resultantes das discussões do "Local Café", realizadas em 07/02/2024 na Faculdade de Saúde Pública (Universidade de São Paulo) (Figura 1), foram sistematizadas em um mapa mental que resume os principais eixos de ação identificados pelos jovens e organizações participantes, refletindo as propostas coletivas para o enfrentamento dos desafios em alimentação, educação, lazer, saúde mental e fortalecimento do poder público nas periferias urbanas.

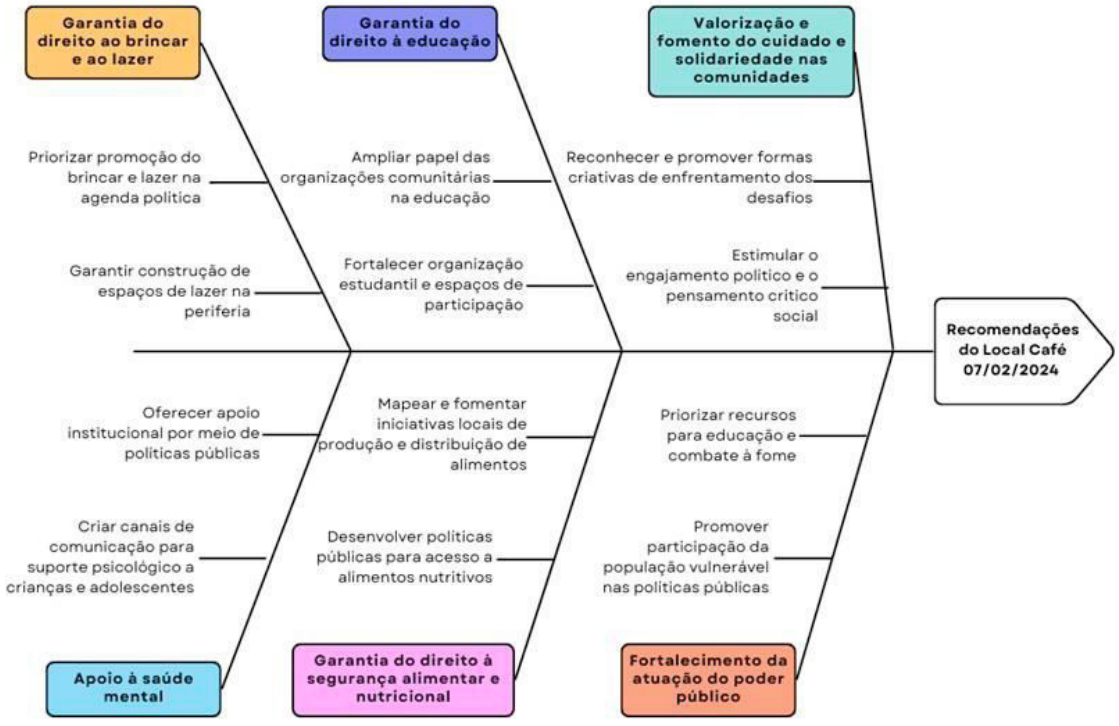


Figura 1. Recomendações do Local Café sobre resiliência e desafios na alimentação, educação, lazer e saúde mental de jovens nas periferias urbanas. Fonte: Síntese das discussões do Local Café, PANEX YOUTH (07/02/2024).

Conclusão

O projeto PANEX-Youth investigou como os jovens em periferias urbanas vulneráveis de São Paulo, como Heliópolis e Paraisópolis, se adaptaram à pandemia de COVID-19, momento que exacerbou desigualdades estruturais e negligenciou suas necessidades básicas. As comunidades enfrentam desafios significativos no acesso à educação, à alimentação e ao lazer, além de impactos graves na saúde mental, com relatos de ansiedade, depressão e isolamento social, agravados pelo aprofundamento da exclusão digital. No entanto, a resiliência dessas comunidades se manifestou através de redes de solidariedade, auto-organização e iniciativas locais, onde os jovens desempenharam papel crucial na linha de frente, demonstrando grande agência e empatia.

A metodologia participativa e qualitativa do projeto foi fundamental para dar voz aos jovens, grupo historicamente excluído das discussões e decisões políticas. Essa abordagem permitiu a cocriação de conhecimento, integrando perspectivas acadêmicas e não-acadêmicas, promovendo compreensão mais profunda e culturalmente sensível das realidades locais. Ao reconhecer e valorizar o conhecimento do território e o protagonismo juvenil, a pesquisa participativa não apenas registra experiências, mas também impulsiona reflexão, autoconfiança e mobilização para que as soluções sejam enraizadas nas necessidades das comunidades e sustentáveis para o enfrentamento de futuras crises.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil, Processos nº 2021/07399-2 e 2022/07771-1, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo nº 314947/2021-3.

Referências

BIZZOTTO, L. M.; GIATTI, L. L.; MUSUMECI, L.; PAREDES, Y.; ANDRES, L. (org.). Adaptações de crianças e jovens à COVID-19 no Brasil: repercussões para educação, alimentação e lazer. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2025. Disponível em: https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1643. Acesso em: 22 ago. 2025.

BIZZOTTO, L. M.; PAREDES-MARQUEZ, Y.; MUSUMECI, L. R.; GIATTI, L. L. Reseña del Proyecto "PANEX-Youth: Adaptações de jovens em comunidades vulneráveis para sobreviver e recuperar da COVID-19". Gicos, v. 8, n. 3, p. 8–12, 2023.Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/003229708. Acesso em: 22 ago. 2025.

CIRCUITO URBANO. A organização comunitária em territórios vulneráveis na pandemia. [S. l.: s. n.], 23 out. 2023. 1 vídeo (transmissão ao vivo). Publicado no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oio6dx34mY4. Acesso em: 22 ago. 2025.

GIATTI, L. L.; RIBEIRO, R. A.; NAVA, A. F. D.; GUTBERLET, J. Emerging complexities and rising omission: contrasts among socio-ecological contexts of infectious diseases, research and policy in Brazil. Genetics and Molecular Biology, v. 44, n. 1, supl. 1, e20200229, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1678-4685-GMB-2020-0229.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A.; LEONARDI, A.; MARINHO, M. de M. Os efeitos da pandemia da COVID-19 sobre o agronegócio e a alimentação. Estudos Avançados, v. 34, n. 100, p. 167–188, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.011.